

Práticas de Leitura Literária com Bebês no CMEI Professor Paulo Rosas

Lourdiana Clécia Leite da Silva Ferreira¹
Ester Calland de Sousa Rosa²

Resumo

A pesquisa investigou como acontece a interação entre mediadores e bebês durante as rodas de leitura no CMEI. O estudo foi dividido em duas fases. Na primeira, foi realizada a entrevista semiestruturada com a professora do G1 e na segunda fase foram videogravados momentos de mediação de leitura, em cinco sessões de observação. Como resultado, foi constatada a presença cotidiana da literatura, com acesso a livros adequados à faixa etária dos bebês, que tinham contato com livros através da leitura oral da professora e em momentos de livre acesso. Os comportamentos leitores observados nos bebês foram: manusear os livros, apontar para as figuras, imitar sons. Podemos concluir, que o manuseio dos livros pelos bebês teve como referência o comportamento leitor dos adultos mediadores de leitura. Os bebês também demonstraram sinais de interação com livros e histórias durante a leitura em voz alta da professora, compartilhada com pares, o que contribuiu para seu desenvolvimento como leitores.

Palavras-chaves: Bebê; Mediação; Literatura infantil; Livro.

Introdução

A pesquisa relatada neste artigo teve como tema as práticas de leitura literária com bebês atendidos em uma turma do Grupo 1 de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Recife.

O estudo teve como objetivo geral, Investigar como acontece a mediação e a interação entre mediador e o bebê, com destaque tanto para as ações conduzidas pelo adulto quanto para as reações das crianças. Tal objetivo desdobrou-se nos objetivos específicos: i) Levantar concepções da professora do Grupo 1 acerca dos benefícios da leitura literária para o desenvolvimento oral e cognitivo de bebês; ii) Identificar episódios de interação entre adultos e bebês em situações de leitura compartilhada; iii) Categorizar as reações das crianças durante as mediações de leitura. Partiu-se da pergunta: De que forma a leitura literária pode contribuir para a formação e o desenvolvimento dos bebês que frequentam o Grupo 1 do CMEI?

O interesse em pesquisar sobre essa temática no campo da leitura com os bebês surgiu de experiências pessoais, profissionais e também a partir de um levantamento bibliográfico que permitiu investigar mais sobre práticas de leitura literária em ambiente formal de educação, como é o caso do CMEI.

Estudos na área apontam para a conclusão de que a leitura ajuda no desenvolvimento da criança, mesmo antes que os bebês tenham a linguagem oral plenamente desenvolvida. Nessa perspectiva, segundo Dickinson (2011, citado por CSUCSULY, 2013), o contato com histórias lidas em voz alta por adultos faz com que a criança menor de 3 anos adquira conhecimentos

¹Concluinte de Pedagogia 2019.1 – Centro de Educação – UFPE. Email:lourdianaferreira@gmail.com

²Doutora em Psicologia. Professora do DPOE/CE/UFPE. Orientadora do TCC. Email:esterosa2014@gmail.com

acerca da linguagem e tais aprendizagens terão repercussão em seu desenvolvimento cognitivo bem como na aquisição da linguagem oral.

Embora existam diferentes perspectivas teóricas que fundamentam o olhar para o desenvolvimento infantil, nesta pesquisa foi adotada a perspectiva sociointeracionista de Vigotski (2009), porque nela encontramos referências para entender como as crianças se desenvolvem nas relações sociais que são estabelecidas, tanto na família quanto nos ambientes institucionais, como é o CMEI.

É também no âmbito das relações interpessoais que se desenvolvem a linguagem e o pensamento. A criança passa a ser entendida, nessa abordagem, como ser social, histórico, cultural e familiar, e é nesses contextos que ocorre o desenvolvimento integral, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Neste sentido, é importante considerar a ação da família e do CMEI Professor Paulo Rosas, quando pensamos sobre o desenvolvimento infantil e como as experiências culturalmente referenciadas passam a compor o repertório individual, num processo de interiorização de práticas culturais.

Ao frequentar a Educação Infantil desde muito pequena, a criança tem mais possibilidade de desenvolver habilidades de memorização, imaginação, como também o vocabulário, aspectos que contribuem para seu processo de alfabetização e letramento. Além disto, constrói vínculos afetivos com outras crianças e com os professores, fortalecendo uma relação de confiança no educar, cuidar e brincar.

Nesta direção, as rodas de leitura e outras formas de mediação de leitura podem ser entendidas em suas dimensões educativas e como oportunidades de interação entre adultos e crianças e com livros e histórias. (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Durante a mediação, o mediador faz “a ponte” entre os livros e o bebê. Nessas ocasiões, o mesmo aprenderá a repetir pequenas palavras ou sons que compõem palavras lidas pelo adulto, desenvolvendo, desse modo, a sua comunicação oral como resultado de sua trajetória familiar e educacional.

Em sua pesquisa, Oliveira (2011), apresenta os bebês como sujeitos que ainda não desenvolveram a oralidade, mas que dão vários indícios de seus desejos e necessidades através das interações que nos desenvolvem diferentes espaços sociais, na relação com os adultos.

Ao apresentar o livro a cada criança, é preciso que o adulto mobilize sua atenção, incentivando-a a conhecer esse mundo de letras, figuras e encanto proporcionado pelas histórias, pela sonoridade das palavras e pelos gestos do mediador. É preciso, ainda, acolher as diferentes formas de participação do bebê, inclusive conferindo significado e intencionalidade

ao que aparentemente pode parecer uma vocalização arbitrária e sem sentido (RAMOS, 2010, 2012).

Em levantamento bibliográfico acerca da mediação entre o bebê e a leitura literária, foram identificadas diversas pesquisas que tratam desta temática³, porém, é importante destacar que existem poucas referências acerca da interação dos bebês com a leitura ou sobre aspectos relativos ao mediador, conforme será exposto adiante neste texto.

Neste artigo, inicialmente apresentamos o referencial teórico que aborda a relação entre bebês e a leitura, para, em seguida, discutir aspectos relativos à interação mediador, bebês e livros e, por fim, abordar as relações entre leitura compartilhada e instituições de Educação Infantil. Apresentamos em seguida os procedimentos metodológicos que foram adotados nesta pesquisa, as análises realizadas e algumas considerações decorrentes do estudo.

1. A LEITURA DESDE O BERÇO.

Atualmente, diversos estudos vêm abordando a questão da leitura e a sua importância para o desenvolvimento dos bebês. É fato que a literatura está presente em nosso cotidiano, inclusive dos bebês, em diferentes formas, desde aquelas mais informais (como nas cantigas de ninar, parlendas) até as materializadas nos livros de imagens, álbuns com palavras, contos infantis, poesias, dentre outros.

O contato precoce com a literatura estimula a imaginação e também permite que o bebê construa conhecimento sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre si mesmo. É também um recurso que oferece elementos para construir seu mundo simbólico, o que é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e linguístico. Sendo assim, a relação com livros e leitura contribui para o desenvolvimento integral do bebê, conforme destacam Vigotski (2009), Reyes (2010), Lopez (2016) e Faria (2016), dentre outros estudiosos da área.

Em seus estudos sobre bebês e leitura, Reyes (2010) defende que as mediações de leitura podem começar antes mesmo do nascimento do bebê, quando a gestante lê e canta em voz alta para o feto. Desse modo, as experiências que o feto tem são as sonoras, associadas ao barulho das pulsações, dentre outros sons. Com o desenvolvimento da audição no decorrer das primeiras semanas de vida intrauterina, o feto já percebe novos sons e distingue a voz materna e de outras pessoas que estão ao redor. Embora não distinga o conteúdo daquilo que a mãe canta ou fala, o contato com as histórias, as cantigas e outras formas literárias já pode existir desde o período gestacional e esse contato terá repercussões no desenvolvimento integral do bebê.

³As fontes pesquisadas foram os bancos de dados da ANPEd, Scielo, Google acadêmico e o Portal de dados da CAPES, no período que compreende os anos de 2012 a 2017.

Sendo assim, ao nascer, o bebê reconhece a voz materna e aquelas experiências precoces de leitura também contribuem para fortalecer os vínculos de afeto entre mãe e bebê. Nesse processo, a criança aprende a distinguir emissões sonoras e vai construindo sua capacidade de compreender e de se comunicar verbalmente. Por sua vez, a mãe também aprende a “ler” o choro, para poder atender às necessidades de seu bebê, e é daí que inicia a comunicação entre eles (LÓPEZ, 2016).

Pode-se afirmar, portanto, que se estabelece uma relação precoce de afeto entre o mediador, o livro e o bebê. Reyes (2010), afirma que as situações de leitura com bebês estabelecem um “ritual” que se transforma em um “triângulo” formado pelo bebê, o mediador e juntos trabalham um terceiro elemento que é “o livro”, formando assim uma ponte para o conhecimento de si e do outro, mediado por afetos.

Outra dimensão que pode ser identificada quando tratamos de bebês leitores são os aspectos cognitivos que estão relacionados também ao interesse e o prazer pela leitura e pela literatura em si. A leitura ajuda a criança a desenvolver a comunicação, enriquecendo o vocabulário e estimulando a imaginação e a percepção e outras dimensões que influem no pensamento e na criatividade (FARIA, 2016; VIGOTSKI, 2009).

Quando tratamos sobre bebês leitores destacamos, portanto, que a mediação desde cedo proporciona diversos benefícios ao bebê. O contato com livros acaba ajudando a criança a compreender e a cultivar o gosto pela leitura, como também a ouvir e a se concentrar nas histórias proporcionando aos pequenos a capacidade de pensar sobre a realidade ampliando assim o seu universo simbólico e sua capacidade de perceber e de se posicionar no mundo.

Na perspectiva sociointeracionista, entende-se que o desenvolvimento do bebê em contato com histórias e livros passa, necessariamente, pelas interações sociais e simbólicas nelas envolvidas, conforme trataremos a seguir.

2 INTERAÇÃO BEBÊ, MEDIADOR E PROCESSO CRIATIVO

Conforme anunciado na apresentação deste artigo, adotamos como referencial a teoria de desenvolvimento e da aprendizagem da criança inspirada nos estudos de Vigostki (2009). O autor destaca a linguagem e principalmente a linguagem literária, e a sua importância para o desenvolvimento da memória, da imaginação, da emoção e da linguagem da criança. Vigotski dedicou anos de estudos para compreender a relação entre a imaginação e a criação na infância, direcionando pesquisas que tinham como objetivo analisar o desenvolvimento oral e cognitivo da criança.

Para o psicólogo soviético, mesmo antes de dominar a linguagem oral a criança demonstra capacidade de resolver problemas práticos, de utilizar instrumentos e meios que estejam a seu

alcance para atingir seus objetivos. Antes de adquirir a linguagem oral, os bebês também recorrem a manifestações verbais, como o choro e o riso, manifestações estas que têm a função de aliviar emocionalmente, mas também servem como um meio de comunicação, especialmente a partir da interpretação que o adulto dá para a intenção expressa pela criança.

Além do desenvolvimento da oralidade, para Vigotski a imaginação criativa mobilizada pela literatura também contribui, de modo geral, para o desenvolvimento cognitivo. Conforme a sua teoria, ele defende que tanto os fatores emocionais quanto os intelectuais são imprescindíveis para o ato da criação. Segundo o autor, isso gera necessidades, anseios e desejos que põem em movimento o processo de imaginação. De acordo com Vigotski (2009), em todo processo de educação da criança, a imaginação não tem apenas um significado particular do exercício e do desenvolvimento de alguma função separada, mas um significado geral que se reflete em todo o comportamento humano.

Ao abordar o tema da criação literária na idade escolar, ele convida os pedagogos a refletirem sobre os procedimentos didáticos que as escolas promovem, ao afirmar que a:

Educação, entendida correta e cientificamente, não significa infundir de maneira artificial, de fora, ideais, sentimentos e ânimos totalmente estranhos às crianças. A educação correta consiste em despertar na criança aquilo que existe nela, ajudar para que isso se desenvolva e orientar esse desenvolvimento para algum lado (VIGOTSKI, 2009, p. 72).

De um modo geral ele nos mostra que o campo educacional não só aborda questões relacionadas aos procedimentos didáticos do professor, mas também supõe a imersão da criança na sua cultura, a construção da sua personalidade, e pode favorecer que a criança desenvolva sua capacidade de criação oral e literária.

Neste mesmo campo de reflexões, Brandão e Rosa (2011) defendem que atividades de contação de histórias e rodas de leitura que ocorrem com crianças na etapa da Educação Infantil além de motivarem as crianças à leitura criam expectativas inserindo-as na prática social da escrita, estimulando o desenvolvimento e a aprendizagem de estratégias cognitivas que são adotadas no processo de leitura, mesmo antes da aquisição da habilidade de ler com autonomia. Outro argumento que reforça a importância da roda de histórias é apresentado por Jambersi (2012) quando afirma que:

Um contador de histórias jamais para de aprender, pois, por mais que ele tenha o domínio da oralidade, ele sempre aprenderá algo novo ao contar uma história, ainda que já a tenha contado várias vezes. E, cada vez que contar a mesma história, ele irá se surpreender. (JAMBERSI, 2012, p. 21).

Em outros momentos e contextos culturais, as histórias eram contadas somente pelos pais e avós na cabeceira da cama ou ao redor de uma fogueira. No entanto, na atualidade e em contextos urbanos, a contação se tornou uma profissão e está presente na família como também

nas rotinas de creches, CMEIs e escolas. No atual contexto, muitas vezes é através do mediador que os bebês conhecem esse mundo mágico e fascinante. Sendo assim, Jambersi (2012), nos mostra que existem várias possibilidades de propiciar contato com histórias, tanto no ambiente familiar como na Educação Infantil, que permitirá ao mediador contribuir para o desenvolvimento cognitivo do bebê.

Se é importante que o adulto esteja presente na introdução de práticas culturais como são a roda de leitura e a contação de histórias, é possível também perceber que a cada história contada, o bebê também atua de forma a contribuir para o desenvolvimento dessas ações. Sendo assim,

[...] os comportamentos infantis podem ser influenciados pelo ambiente físico e social organizado pelos adultos de acordo com os seus objetivos e suas concepções sobre os comportamentos e desenvolvimento infantil. Por outro lado, a criança participa ativamente de seu desenvolvimento através de suas relações com o ambiente físico e social, dentro de um contexto-histórico específico. (RAMOS, 2010, P. 39).

Para que esse desenvolvimento ocorra, destaca-se a influência primeiro da família e depois da escola. Entendemos que os “pais são mediadores de leitura por excelência, por ocuparem lugar privilegiado no que diz respeito à oferta dos livros e de outros materiais de leitura no âmbito domiciliar, transformando-o em um ambiente leitor” (ROBLEDO, 2010, p. 40). No ambiente de creche e do CMEI, também se espera que outros adultos proporcionem o contato da criança com livros e histórias, lendo em voz alta para elas (DAHER, 2017), conforme será tratado a seguir.

3. A MEDIAÇÃO DO BEBÊ COM LIVROS NA FAMÍLIA E NO CMEI

Entendemos que a primeira vivência do bebê é no seio familiar e que naqueles ambientes a leitura ocorre de maneira informal e com diferentes vivências através de cantigas de ninar, de histórias lidas ou contadas, entre outros. Mas é na escola/creche que a leitura para os bebês passa a se configurar de maneira mais formal e sistemática, embora essa intervenção precise manter seu caráter lúdico e afetivo.

Na contemporaneidade, é cada vez mais comum que o ambiente familiar não seja o único que tem uma intervenção precoce no contato de bebês com livros. Se entendemos que a legislação educacional brasileira (BRASIL, LDB, 2014) prevê o atendimento de bebês em creches (0 a 3 anos) e em pré-escolas (4 a 5 anos), é possível considerar que essas instituições também contribuam para a formação leitora desde muito pequenos. É importante destacar que a creche é um ambiente em que os bebês se socializam, se comunicam com os recursos de linguagem que dispõem e onde se desenvolvem relações humanas significativas para seu desenvolvimento integral.

O fato de que o ingresso dos bebês na creche pode ocorrer desde o nascimento, quando os pequenos ainda são dependentes de suas mães e que sua introdução em um ambiente formal indica que cabe às creches ou pré-escola serem mediadoras nesse processo de desenvolvimento que se inicia nos primeiros meses de vida. O papel da instituição não é o de substituir a função da mãe, e sim "suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha" (WINNICOTT, 1982, p. 214).

Quando se trata especificamente da relação da criança com histórias e livros, existem pelo menos duas situações distintas. No caso das famílias que já dispõem de livros e realizam práticas de mediação com bebês, a creche deve dar continuidade ao trabalho de mediação que já é, de certo modo, familiar ao bebê (DAHER, 2017). Por outra parte, quanto aos bebês que não têm acesso à leitura em seu ambiente familiar, cabe à instituição realizar esse trabalho como mediadora, apresentando aos bebês o universo literário.

No ambiente institucional do CMEI, o bebê com a ajuda do adulto mediador, aprende a manusear o objeto livro, o que introduz novas formas de lidar com a linguagem, assim como as ilustrações, as letras e as cores. Percebe-se que, dessa forma, é estabelecido um jogo de definições no qual as imagens se juntam formando histórias, noções temporais como o antes e o depois, em como relações espaciais (frente e atrás, da esquerda para a direita), aprendidos no movimento das páginas do livro. Desse modo, os modos como se lê com os bebês terão repercussões em diversas aprendizagens e não apenas uma suposta preparação para a etapa posterior da alfabetização. Sendo assim,

Crianças, ainda que muito pequenas, demonstram, frequentemente, interesse pela escrita. Quem convive com elas podem facilmente perceber que tal curiosidade traduz-se, muitas vezes, em gestos como o manuseio do livro e revistas, apontar com o dedinho para as páginas, além da emissão de vocalizações enquanto folheiam materiais escritos e da atenção à leitura em voz alta realizada pelos adultos. (BRANDÃO e ROSA, 2012, p. 38).

Portanto, é possível afirmar que as crianças, desde bebês são capazes de participar ativamente de diversos eventos de "mediação" que envolvem a leitura e a escrita e vão, desse modo, acumulando experiências que irão se consolidar em outras etapas da vida. É possível, portanto, defender o letramento literário como práticas de leitura que se iniciam desde as primeiras etapas da escolarização.

A vida do bebê é uma sucessão de experiências e aprendizagens em que ele atua como protagonista. Ao chegar à creche ou a pré-escola, o bebê traz consigo conhecimentos acumulados na sua bagagem familiar, conquistados por meio da exploração visual, auditiva, jogos, brincadeiras, conversas, passeios, contatos, brinquedos e histórias que influenciam no processo de aprendizagem. Nessa mesma linha de argumentação, de acordo com Reyes,

A função dos mediadores é fornecer as condições ideais para que ocorra o encontro entre um livro e um leitor. E as condições são: garantir que haja bons livros, lê-los para as crianças e permitir que elas possam tocá-los e mordê-los. É importante também mostrar para as crianças que, ao lado de um livro, há um adulto. (REYES, 2012, p.14).

Com evidências advindos de sua pesquisa empírica com bebês em creche, no estudo de Hampel (2016) constatou-se que esse processo de busca encontra acolhimento nas situações de leitura em que os bebês vão fazendo importantes descobertas, dentre elas a que também podem “ler” e que isso ocorre enquanto estão interagindo com a professora (mediadora), com os colegas e com o objeto “livro”. Nesta direção, entendemos ser importante considerar, na mediação de leitura que ocorre com bebês, não apenas os momentos em que professores selecionam livros e conduzem a sua leitura em voz alta, mas também a disponibilização de acervos e a existência de momentos de livre acesso e interação entre os bebês e os livros, sem a interferência direta dos adultos, e sim seu acompanhamento atento e sensível aos sinais de interesse e vontade de comunicação.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo adotamos uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. Segundo Gibbs (2009, p. 8), a pesquisa qualitativa tem como característica, ser uma ferramenta que:

[...] visa abordar o mundo —lá fora (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais dentro de diversas maneiras diferentes; analisando experiências de indivíduos ou grupos [...] examinando interações e comunicações [...]

Na pesquisa qualitativa, o trabalho de campo adquire intensidade e magnitude. De acordo com Minayo (1994), a pesquisa de âmbito qualitativo não poderia ser realizada sem a ida a campo. Já que o campo obedece ao recorte espacial do recorte teórico que corresponde ao objeto pesquisado.

Foi realizado um estudo de caso, situado no CMEI Professor Paulo Rosas, localizado no campus da Universidade Federal de Pernambuco, em um convênio firmado com a rede municipal de ensino de Recife. O CMEI escolhido atende do berçário ao Grupo V. É importante destacar que o público que frequenta o CMEI são bebês da própria comunidade, como também filhos de professores, funcionários e estudantes da Universidade Federal de Pernambuco. A identificação desta unidade educacional neste artigo foi consentida pelos participantes do estudo. Yin (1989, p. 23) afirma que "o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas". As especificidades do CMEI Professor Paulo Rosas como unidade que funciona

como campo de estágio, pesquisa e extensão universitárias indica que se caracteriza como uma “escola de aplicação”, o que justificou a escolha desse local para o estudo de caso.

O estudo teve dois procedimentos de coleta de dados. O primeiro deles foi a realização de entrevista semiestruturada com a professora que atua no Grupo I, na qual foi dividida em três blocos, i) Dados de identificação; ii) A leitura dos bebês no contexto da família e iii) A leitura com os bebês no CMEI. A entrevista foi audiogravada e depois transcrita integralmente para posterior análise, conforme roteiro previamente estabelecido. A professora consentiu com sua identificação nos materiais de divulgação da pesquisa.

O segundo procedimento de geração de dados adotado foi a realização de observações de sessões de mediação de leitura e tendo como participantes os bebês do G1, com foco nos momentos de mediação de leitura. Para tanto, adotamos como recurso para o registro a videogravação que atendeu, assim como identificado no estudo de Ramos (2012) a diferentes funções, quais sejam:

Esse momento exploratório das informações videogravadas nos foi revelando pistas de aspectos teóricos a serem seguidos, de novas aprendizagens a serem investidas, delimitando as aquisições do grupo que foram sendo acompanhadas através de relatos verbais e registros individuais nos diários de cada professora (p. 23).

O recurso da videogravação nos trouxe a possibilidade de registrar momentos únicos entre os bebês e o mediador. O vídeo serviu também como uma forma de feedback para a pesquisadora, ainda durante o processo de pesquisa de campo, redirecionando o olhar e a busca de registros que evidenciassem as diferentes formas de interação ocorridas nas sessões de leitura.

As gravações foram realizadas com câmera de vídeo, direcionada para capturar os indícios de interação dos bebês durante as rodas de histórias e sessões de mediação de leitura de livros. O foco dessas observações foram os bebês na faixa etária de 12 a 24 meses, visando capturar como eles interagem durante a mediação e como se comunicavam entre eles e com os mediadores (professora e os auxiliares) durante a coleta dos dados. As observações foram realizadas num período de quatro semanas, distribuídas em 5 dias nos quais foram registrados eventos de leitura que consideramos suficientes para a análise pretendida.

Após o registro em vídeo de todas as cenas feitas durante a coleta de campo, foram realizados recortes que evidenciaram episódios de interação entre os bebês, dos bebês com a mediadora e dos bebês com os livros.

Por fim, antes que ocorressem as gravações, foram enviados aos pais ou responsáveis um termo de autorização para que pudesse ser usada a imagem exclusivamente para fins de pesquisa. Na divulgação dos resultados foi evitada a identificação individual de alguma criança.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta sessão está dividida em duas partes. Inicialmente faremos a caracterização da turma, da professora, dos espaços e condições de leitura observados no CMEI Prof. Paulo Rosas. Na segunda parte, apresentaremos os dados propriamente ditos, organizados a partir das categorias criadas para agrupar os modos de ler e de contato com livros propiciados na sala do G1 e, na última parte, com a categorização feita a partir das reações e respostas observadas nos bebês.

5.1 Caracterização da turma, da professora, dos espaços e condições de leitura no CMEI Prof. Paulo Rosas.

O G1 era formado por 21 bebês, com idades entre 12 a 24 meses, sendo 7 meninas e 14 meninos. O G1 também era formado por 5 adultos educadores, sendo eles: 1 professora, 2 Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (Adis) efetivas e duas auxiliares estagiárias. É importante frisar que apesar de estarem no período de adaptação e por isso ainda se ouvia muito choro na sala, mas, nem por isso, os pequenos deixavam de participar da roda juntamente com todos que formavam o G1. É importante destacar que durante a roda de leitura, os bebês participavam sendo mediados pela professora, como também por todos os auxiliares presentes na sala.

Observamos que mesmo havendo algumas crianças chorando durante o período em que durava a roda de leitura, os pequenos participavam quando eram cantadas as músicas, demonstravam atenção e interesse durante a leitura e também se engajavam nas brincadeiras que a professora conduzia durante cada sessão de leitura de histórias.

É relevante destacar ainda que todos os bebês que frequentavam o G1 eram ativos, sempre correndo, pulando e interagindo com os demais, mesmo aqueles que ainda não andavam, participavam de todas as atividades com o auxílio dos adultos, inclusive da própria professora. Na observação das rodas de leitura percebemos que as crianças, mesmo engajadas na atividade, não deixavam de se movimentar e que a “roda” de leitura ganhava outras configurações e eram permeadas dessa movimentação dos bebês.

A professora Patrícia tem 12 anos de experiência docente e já atua há 5 anos como professora da Educação Infantil nesta unidade educacional. Ela é formada em pedagogia e pós-graduada em história afro-brasileira. Além dessa formação, a mesma tem outras formações como em pedagogia Waldorf e experiência nas áreas de artes como também em autogestão.

Apesar de não ter nenhum curso de formação voltado especificamente à mediação à leitura, ela nos afirma que gosta de ler e que se sente uma leitora, apesar de não se considerar uma “leitora exímia”. Sua formação Waldorf influencia sua prática no CMEI, com forte

engajamento em atividades de contação e dramatização de histórias, além de valorizar o trabalho com a música e o canto.

Quanto ao local onde ocorreram as rodas de leitura observadas, é preciso esclarecer que o CMEI tem uma prática de organizar a rotina semanal das crianças que se deslocam para atividades no que denominam de salas ambiente. O G1 utilizava de todas as salas ambiente, porém as observações ocorreram em três diferentes dias da semana e durante esses dias foram utilizadas as salas de Letras e Números e a de Movimento. Ambas as salas têm um amplo espaço para que as crianças possam se locomover, brincar e interagir com os demais durante as rodas de leitura.

As rodas de leitura na Sala de Letras e Números ocorreram após o “bom dia” coletivo conduzido no pátio interno do CMEI, no primeiro horário de atividades dirigidas. Já as observações realizadas na sala de Movimento ocorreram após o lanche dos pequenos, sempre no segundo horário do turno da manhã. É importante destacar que ambas as salas são climatizadas e bem aconchegantes para a faixa etária dos bebês e que disponibilizam de forma acessível o acervo de livros e os brinquedos entre outros objetos que chamam a atenção dos pequenos.

As rodas de leitura sempre eram feitas em círculos independente da sala ambiente, e nessas ocasiões eles sentavam no chão, ou em tapetes, emborrachados ou em cadeiras, como também no colo dos auxiliares ou no da professora. Destaca-se que os que ficavam no colo dos adultos eram sempre os bebês que estavam chorando, porém todos tinham acesso aos livros e podiam escutar a leitura realizada em voz alta e se movimentavam caso desejassem, embora fossem sempre convidados a retornar à roda.

Durante as observações identificamos que os bebês se caracterizavam como leitores ativos, mesmo sem ter autonomia na leitura num sentido estrito de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Isso é demonstrado pela proximidade que os bebês tinham com os livros, por exemplo, ao verem o livro nas mãos da professora, corriam para participar da roda, não só como ouvintes, mas também como contadores, o que evidencia que esta era uma prática cotidiana e que segue uma rotina conhecida pelos bebês. Apresentamos em seguida os dados gerais sobre as rodas observadas.

5.2 Dados gerais sobre as rodas observadas

As observações as rodas de leitura, se iniciaram no final de março e transcorreram até o dia 22 de abril de 2019, o que se caracterizou como um período de adaptação tanto de crianças que já frequentaram o berçário no ano anterior quanto as novatas. Para a caracterização das

rodas, abordaremos os seguintes aspectos: tempo de duração, inserção na rotina da turma, local de realização, obras selecionadas e procedimentos didáticos observados.

As observações foram realizadas em 5 dias alternados, sendo três deles na sala ambiente Letras e Números e dois na sala de Movimento. Quanto à duração, todas as rodas de leitura não foram longas e duraram entre 20 a 30 minutos. Esse tempo era dividido entre a organização da roda, uma atividade introdutória, a leitura em voz alta compartilhada com o grupo e o contato livre com o acervo, entre os bebês e entre os bebês com algum adulto educador.

Percebemos que o local e o horário de realização das rodas de leitura influenciaram no tempo de duração de cada sessão. As rodas que eram iniciadas no primeiro horário e que ocorreram na sala de Letras e Números duraram em torno de 30 minutos enquanto que as rodas de leitura que ocorreram no segundo horário e na sala de Movimento duraram menos do que 30 minutos.

Observamos que durante a roda de leitura que acontecia na sala de Movimento, era possível perceber que alguns dos bebês se dispersavam muito rápido, pois na sala havia diversas coisas que interferiam, de algum modo, na atenção dos pequenos durante a Leitura, tais como os brinquedos, o acervo dos livros que estava sempre ao alcance deles, bem como a movimentação das auxiliares preparando os bebês para o banho. Nessa sala ambiente, como os livros estão sempre ao alcance dos pequenos, mesmo durante a leitura em voz alta por parte da professora com o livro selecionado para a roda daquele dia, muitos deles se deslocavam até a caixa e escolhiam outro livro que lhes chamasse atenção e interagiam entre si ou com outros adultos, buscando assim compartilhar os livros de sua escolha.

Já na sala de Letras e Números, a professora Patrícia sentava com os bebês e com as auxiliares, formando assim um círculo com cadeiras onde os pequenos sentavam com os educadores, para juntos participassem da roda de leitura mediada pela a professora. Os bebês que se encontravam chorando sempre ficavam no colo de algum dos auxiliares, o que fazia com que o choro não interferisse durante a mediação.

Todos os auxiliares, assim como a professora estavam sempre muito atentos aos pequenos e acolhiam os que estavam chorando, fazendo com que os bebês participassem das rodas de leitura através das músicas cantadas, dos sons imitados e até mesmo da leitura compartilhada com os demais bebês. Nessa sala, o ambiente e o horário em que a roda era realizada parece ter favorecido uma maior concentração por parte dos bebês. A cada roda de leitura, a professora escolhia um livro a ser lido para a turma.

Na primeira observação, a professora apresentou e leu o livro “Que bicho será que botou o ovo?”, do autor Ângelo Machado. O livro apresenta a história de um bicho que coloca o ovo,

mas como nenhum dos outros bichos tinham colocado, então surge a curiosidade de saber, e todos os bichos se perguntam: Quem botou o ovo?

No segundo dia de observação um dos bebês “leu” para os coleguinhas o livro “O mágico de Oz”, de Frank Baum. Esse livro foi levado pelo o pequeno para a sala, que iniciou a roda mostrando aos colegas as imagens, com o auxílio da professora. Na sequência a mesma leu o livro para os bebês. Em seguida nesse mesmo dia a professora escolheu o livro “O ovo”, dos autores Ivan e Marcello. Este livro narra a história de um ovo que sumiu. Em uma bela manhã a galinha vê, com espanto, que o ovo que chocava havia sumido! O que aconteceu com ele? Essa história desperta a curiosidade dos pequenos em descobrir o que tinha acontecido com o ovo.

No terceiro dia de observação, foi lido um livro “fofinho”, segundo a professora, que propicia uma experiência sensorial, pois é todo feito em feltro e com detalhes que montavam e desmontavam. Esse livro tem por título “Meu livro” e foi confeccionado por uma das professoras do CMEI. Em cada parte do livro haviam figuras, números e letras com detalhes que podiam ser colados ou retirados das páginas.

No quarto dia de observação, a professora leu o livro “Creeck”, destacando que esse livro está com o nome do tradutor Fábio Teixeira, pois foi escrito por vários autores. Esse livro mostra os bichinhos que nascem do ovo como a tartaruga, e no casulo como a borboleta, ela mostrou que esse barulhinho representa o quebrar do ovo ou de outros meios como nascem bichos.

No quinto e último dia, a professora Patrícia trouxe para a roda de leitura dois livros, o primeiro deles foi a história “Perto-longe”, da autora Vera Lúcia Dias e em seguida leu o outro livro “Bi bii!”. Esse livro faz parte da coleção “Bebê achou Bi bii!”, que foi distribuída pela prefeitura para o acervo da sala.

Consideramos que a seleção das obras se mostrou adequada, conforme discutiremos adiante.

Quanto aos procedimentos didáticos adotados pela professora, pudemos observar que existia um padrão que se repetia na rotina das rodas de leitura. Antes de cada roda mediada, a professora sempre utilizava a música para iniciar a atividade. Embora houvesse sempre uma mesma canção, “*Era uma vez*” que já indicava para as crianças que a atividade de leitura viria a seguir, a professora também agregou outras cantigas, associadas às temáticas tratadas. O objetivo das rodas eram sempre proporcionar um momento lúdico e mágico para os pequenos, como afirma a professora.

Começamos sempre cantando, depois puxamos um livro que tem a ver com a brincadeira que estávamos brincando ou com a música que cantamos, essa roda pode acontecer com ou sem o livro, pois utilizamos coisas que tem tudo a ver com o contexto deles. Cada livro é escolhido através do momento, e sempre pergunto como vamos ler? Quem vai ler? E damos continuação à roda de leitura.

Uma vez organizada a roda, ela utilizava o próprio livro como também materiais concretos como, por exemplo, uma caixa de madeira em que guardava os fantoches de dedos, bichinhos muito pequenos de pelúcia como o patinho, entre outros objetos que chamassem a atenção dos pequenos durante a mediação de leitura.

As rodas observadas sempre tiveram uma atividade posterior à leitura em voz alta do livro, com livre acesso ao acervo de livros disponível na sala. Nesses momentos, é importante destacar que os auxiliares também mediavam a leitura para um ou vários bebês, de livros escolhidos pelas próprias crianças e com agrupamentos feitos por livre escolha dos pequenos.

Embora o número de observações tenha sido pequeno, consideramos que houve alguns elementos que diferenciaram as rodas de leitura e, na nossa análise, identificamos tipos distintos de situações de leitura propiciados aos bebês. É essa análise que será apresentada a seguir.

a. Tipos de situações de leitura identificados e sua frequência

De um modo geral, todas as rodas de leitura incluíram a apresentação de um livro que era lido em voz alta pela professora para o grupo de bebês. A seguir abordaremos a importância das rodas de leitura.

As rodas de leitura e suas peculiaridades na turma do G1

A seguir detalhamos os achados da pesquisa, apresentando os dados já agrupados em função das categorias que foram criadas pelas pesquisadoras, distribuídos em dois blocos: as situações de interação identificadas e as formas de reação das crianças. Na análise optamos por apresentar o que chamamos de “episódios”, que são fragmentos de observações que evidenciam uma sequência de ações e que evidenciam interações mediadas por livros.

Optamos também por apresentar de forma integrada os dados coletados nas entrevistas e nas observações. Como nos afirma Ramos (2010), nas sequências de ações dos episódios, os bebês utilizam movimentos, olhares e gritos sincronizados como forma de partilhar significados. Dessa forma os pequenos participam das atividades, com ações conjuntas na hora da leitura.

Nas cinco situações de leitura observadas, a professora adotou estratégias de intervenção que foram categorizadas em 4 tipos: a) Professora lê livros em voz alta para os bebês; b) A professora disponibiliza o acervo; c) Guardando os livros após a leitura e d) Compartilhando livros trazidos de casa.

Por outra parte, quanto às formas de participação das crianças durante das rodas de leitura, categorizamos as condutas das crianças nos seguintes agrupamentos: 1) Lê a história com recursos de voz, canto, objetos; 2) Mostra imagens do livro e conversa; 3) Professora lê e bebês experimentam o livro de forma tátil; 4) Crianças interagem sozinhas com livros de livre escolha; 5) Crianças interagem entre elas e concentram olhar sobre livros escolhidos pelo adulto; 6) Adultos acompanham e interferem durante o contato das crianças com livros; 7) A responsabilidade de ler, explorar e guardar; e 8) Roda de leitura com o bebê e o seu livro.

Situações de interação com livros e histórias

A cada roda de leitura é possível perceber a interação dos pequenos com os livros e com a trama e os personagens que cada história trazia para aquele momento. Em todas as observações percebemos o interesse não só pelo livro enquanto objeto sensorial, mas também expressões que indicam a participação dos bebês tais como as vocalizações que imitam os personagens da história.

Nessas ocasiões também percebemos diferentes interações entre os bebês. Ramos (2010) ressalta que é a partir da interação bebê/bebê, que ocorre ação partilhada com o parceiro, e essa ação pudemos identificar em nossas observações ao G1, pois percebemos essa interação com parceiros através da leitura compartilhada, no modo próprio aos bebês. Ramos (2010), ainda dialoga com as nossas observações, quando em sua pesquisa descreve essas ações feitas pelos pequenos, nos mostrando que é importante esse contato não só com os demais bebês, como também com o objeto ao seu redor, em nosso caso o livro e alguns materiais concretos.

É importante ressaltar que os objetivos desta pesquisa envolvem não só as ações que os bebês demonstram como também os tipos de reações que eles esboçam antes, durante e depois de cada roda de leitura a partir da mediação conduzida pela professora e seus auxiliares de sala. Na observação realizada foi possível constatar, assim como fez Hampel (2016), que a música exerce um papel relevante não apenas na motivação, mas também propicia a interação entre os bebês.

Vale ressaltar que a participação dos pequenos durante as músicas cantadas antes, durante e depois a mediação a leitura ocorria de modo espontâneo. Apesar da ausência da linguagem oral em alguns dos pequenos, isso não os limitava quando ouviam a música, e a reação era sempre positiva, como era possível perceber nas vocalizações e outros indícios de participação que foram registrados nas rodas de leitura observadas.

Como foi observado em outras pesquisas (p. ex. HAMPEL, 2016), uma marca das rodas de leitura nesta fase do desenvolvimento das crianças é a ação da professora em fazer do livro um objeto de interesse para os pequenos, criando uma atmosfera lúdica de oportunidades para

as interações entre os bebês, os adultos e os livros, ocorrendo assim brincadeiras entre os bebês que remetem aos temas e aos personagens dos livros.

É importante destacar que os benefícios do trabalho com a leitura de histórias infantis para a faixa etária correspondente do grupo observado, faz com que a criança compreenda o que está sendo proposto pela professora, durante a roda de leitura.

Nas cinco rodas de leitura observadas foram realizadas atividades de aproximação entre os bebês e os livros e suas histórias. As diferentes intervenções conduzidas pela professora foram categorizadas nos tipos apresentados a seguir.

Tipo 1: A professora conduz rodas de história

Nas cinco sessões de leitura observadas nesta pesquisa, a professora conduziu sempre um momento de leitura do livro em voz alta para o grupo de bebês, com a colaboração das auxiliares.

Nessas ocasiões, independente da sala ambiente, a professora sentava com os seus pequenos em tapetes, como também em emborrachados ou cadeiras, formando assim um círculo humano e juntos se engajavam no momento de leitura do livro.

O fato de que as crianças nem sempre coordenavam o olhar para as imagens do livro ou mesmo se deslocavam do círculo durante a leitura não indica que, necessariamente, houvesse desinteresse ou dispersão por parte dos bebês. A seu modo, eles participavam desse momento, ora se mantendo sentados, ora levantando e se aproximando do livro, ora olhando para a professora e vocalizando algo que indicava estar em sintonia com a atividade. Os episódios a seguir exemplificam as atividades de leitura e os modos de condução adotados pela professora.

Episódio 1: Lê a história com recursos de voz, canto, objetos

A professora sempre começa a roda de leitura cantando, batendo palmas e convidando os pequenos a se engajarem na atividade. Em seguida, apresenta o livro começando pela capa e na sequência lê o título, é importante destacar que de todas as rodas de leitura observadas, em apenas duas delas a professora utilizou objetos (rodas de nº 01 e 03), o que indica que o livro e sua história eram, de fato, a atividade central para a qual os bebês eram convidados a participar.

Apenas na terceira roda de leitura a professora levou uma caixa para a sala, nela tinham diversos objetos dentro como uma borboletinha, um passarinho entre outras coisas. Embora a idade dos bebês indique que é importante associar as atividades pedagógicas a objetos concretos, o próprio livro parece ter ocupado esse lugar e cumprido a função de tornar concreta a atividade.

Na sessão em que a professora adotou a estratégia de usar objetos concretos para acompanhar a atividade de leitura, a cada objeto retirado da caixa, os bebês imitavam os sons

juntamente com a professora e juntos cantavam uma música “A borboletinha” mesmo sem que todos os bebês dessa turma estivessem oralizados.

A sequência de imagens a seguir mostra como ocorriam às sessões de leitura em que a professora conduzia a leitura em voz alta e convidava todo o grupo a sincronizar a atenção numa atividade compartilhada: a leitura do livro.



Na primeira imagem, a professora está cantando com os seus bebês a música que sempre inicia a roda, enquanto o bebê 1 que está em pé faz movimentos com os braços e a bebê 2 está sentada batendo palmas. Na segunda imagem a professora apresenta uma caixa em madeira antes de iniciar a leitura do livro. Por fim, na terceira imagem, os bebês estavam eufóricos para bater também na caixa.

Episódio 2: Professora mostra imagens do livro e conversa com os bebês

No episódio destacado, a professora não leu em voz alta a história e sim apresentou o livro destacando as imagens contidas em cada página. Sua forma de conduzir a atividade de leitura consistiu em mostrar as imagens e conversar com eles levantando questões como: Quem é? Alguém quer tocar? Todos os pequenos queriam participar, não só prestando atenção como também conversando do jeitinho deles, imitando os sons durante a conversa com a professora, conversando com o coleguinha, indicando, desse modo, que estavam interessados na atividade.

Neste episódio, observamos que a professora deixa os pequenos bem à vontade para que pudessem reagir às questões levantadas pela docente, respondendo dentro de suas possibilidades de oralização.

No segundo dia de observação, após a roda de leitura, a professora pegou o livro “O ovo” e descreveu as imagens para os pequenos enquanto repetia a questão: Quem colocou o ovo? Um dos bebês gritou ao ver a imagem da galinha. A cada animal que ela mostrava as imagens, pronunciava o nome e em seguida imitava os sons que cada bicho emite, juntamente com os pequenos. A sequência a seguir, exemplifica esse tipo de contato com livros e histórias observado.



Na primeira imagem, a professora mostra aos pequenos o cachorro e emite sons imitando o som Au Au, enquanto um dos bebês aponta para a cena no livro. Na segunda imagem, os bebês além de estar imitando o som do cachorro, imitando a professora, um dos pequenos leva a mão à boca e emite o som. Por fim, na terceira imagem, a professora mostra a página em que tinham alguns patinhos. Ela colocou a mão no rosto e perguntou: Quem colocou o ovo? E imitou o som do pato: quá quá.

Episódio 3: Professora lê e as crianças “experimentam” o livro de forma tátil

A todo o momento a professora conversa com os bebês, mostrando as imagens e contando a história, fazendo com que eles tenham contato com os livros não só durante a mediação, como também após a roda de leitura. Um dos momentos que nos chamou mais atenção foi quando a professora apresentou um livro que é feito em feltro, com várias figuras, letras e números. Na ocasião, todos queriam tocar, pegar o “livro fofinho” (como apresentou a professora).

Ela chamava o nome de cada bebê e pedia para que eles passassem a mão no “livro fofinho”, enquanto passava as páginas e apresentava seu conteúdo. Todos queriam tocar o livro com as mãos. Além de trabalhar as formas, espessuras, as letras e as figuras ela também trabalhou a curiosidade dos pequenos, fazendo com que eles participassem da roda não só com a atenção, mas também com o contato físico. Na sequência de imagens a seguir vemos um recorte dessa atividade.



Na primeira imagem, a professora mostra o livro aos pequenos e pede para os bebês que estão perto dela tocarem no livro, sentindo o material com o qual ele foi confeccionado. Na segunda imagem, é possível perceber que os bebês, todos querem tocar no livro. Por fim, na terceira imagem, um dos bebês se inclina para ver o livro mais de perto enquanto outros dois bebês que estavam sentados apontam para as imagens do livro, e outro bebê olha para a estagiária com um sorriso que parece indicar uma forma de comunicar seu interesse pelo livro e seu conteúdo.

Tipo 2: A professora disponibiliza o acervo

Além das situações em que a professora conduzia a leitura e compartilhamento de livros, também foram observadas, nas cinco sessões de roda de leitura, um momento que era dedicado ao contato livre dos bebês com o acervo disponível nas duas salas ambiente. Após o momento de leitura em voz alta pela professora, os bebês eram convidados a escolherem, dentro do acervo

disponível, algum livro que quisessem ler e faziam sua própria “leitura”, compartilhando com os colegas ou com algum adulto educador.

De acordo com professora do G1 Patrícia (2019), dependendo da sala ambiente, como a sala de Movimento que é a de referência do G1, os livros que eles utilizam estão dentro de uma caixa, dependendo da proposta oferecida do dia, mas na Sala de Letras e Números os livros ficam acessíveis para que os bebês possam fazer a escolha do livro, isso após a roda de leitura, ou até mesmo durante. Os dois episódios selecionados a seguir são exemplos dessa prática.

Episódio 1: Crianças interagem sozinhas com livros de livre escolha

Após a cada roda de leitura realizada no G1, a professora disponibilizava livros para que os bebês pudessem escolher e explorá-los, muitos dos pequenos se dirigiam até as mesas e sentavam com o livro escolhido, desbravando esse novo mundo chamado “leitura”. Como visualizamos na sequência a seguir:



Neste episódio vemos que na primeira imagem um o bebê folheia o livro e depois na imagem seguinte o mesmo bebê afasta a cadeira, fazendo o movimento como se fosse sentar e continua explorando o objeto livro. Na terceira imagem, dois bebês que estão sentados juntos à mesa, compartilham a leitura.

Episódio 2: Crianças interagem entre elas e concentram olhar sobre livros escolhidos pelo adulto.

A literatura infantil ajuda a desenvolver na criança algumas capacidades, como ampliar as relações sociais na interação com outras crianças e adultos. Nas observações que realizamos, durante ou após a cada roda de leitura que foram realizadas nas salas ambiente, a leitura compartilhada entre eles e o livro escolhido pelo adulto educador, nos mostram a importância de mediar a leitura desde cedo. De acordo com a professora, é possível identificar essa relação entre os bebês.

Várias vezes eles estão folheando e o coleguinha ao lado também está presenciando a mesma figura, enquanto o que está folheando faz o som do que está na imagem, o outro bebê presta atenção e imita o mesmo som enquanto aponta para a figura, havendo assim uma comunicação entre eles, através das imagens e dos sons produzidos pelos bebês.

É importante frisar que é através desse contato entre os bebês, os educadores e o livro que vários gestos associados à leitura vão se gestando, contribuindo assim para o desenvolvimento da criança e em todas as áreas, como a cognitiva, afetiva, social e o desenvolvimento oral. Como

fica evidenciado no episódio destacado a seguir, os momentos de encontro com os livros são, também, de interação entre bebês e com adultos.



Na primeira imagem, um dos auxiliares está sentado no cantinho da sala Letras e Números com alguns dos bebês; ele está mostrando aos pequenos as imagens e contando a história. Na segunda imagem, o mesmo auxiliar mostra as imagens do livro aos pequenos, em seguida um dos bebês aponta para a imagem imitando o som. Na terceira imagem, o auxiliar após virar a página do livro, um dos bebês se abaixa para tocar no livro e observar as imagens de perto.

Episódio 3: Adultos acompanham e interferem durante o contato das crianças com livros.

Como já foi dito acima, após cada roda de leitura realizada a professora deixava os bebês escolherem se queriam ficar sentados à mesa, no chão ou em um tapete que estava em frente ao espelho, ou até mesmo sentado nos emborrachados dependendo da sala para que manuseassem livremente os livros.

Nessas ocasiões, os auxiliares sempre davam apoio e atenção aos pequenos, e, ocasionalmente, liam para alguns bebês que estavam sentados juntos, para os que estavam chorando ou até mesmo para os que estavam sozinhos e que, de algum modo, comunicavam seu interesse em ouvir a leitura em voz alta. As três cenas a seguir nos mostram a leitura compartilhada entre os bebês e os bebês e as estagiárias.



Na primeira imagem, os pequenos estão sentados à mesa explorando os livros e suas imagens, um dos bebês está apontando para a figura enquanto a outra bebê observa, segurando o seu livro. Na segunda imagem, um dos pequenos está lendo a história com a ajuda de uma auxiliar. Por fim, na terceira imagem é possível perceber que a auxiliar está mediando a leitura a outros três bebês.

Tipo 3: Guardando os livros após a leitura

Além das situações em que a professora lê para o grupo de crianças livros que ela selecionou previamente e daqueles momentos em que as crianças podem escolher o que querem

ler, sozinhas, com colegas ou com o auxílio de um adulto, também observamos na rotina dessa sala de aula, que os bebês são convidados a ordenar os livros nas prateleiras. Neste sentido, mesmo que embrionariamente, estão sendo envolvidas numa atividade que é própria de quem frequenta bibliotecas. São essas situações que iremos descrever a seguir.

Episódio 1: A responsabilidade de ler, explorar e guardar.

Sempre após a leitura compartilhada, a professora pedia para que os bebês guardassem os livros, e, dependendo da sala ambiente onde se encontravam, eles podiam guardar sozinhos ou contar com a ajuda de algum auxiliar.

Na sala de Letras e Números havia um saquinho em que tinham divisões para guardar os livros e que ficava sempre exposto na parede. Para guardar os livros nestes expositores era preciso contar com a ajuda de algum adulto para poder pegar e guardar os livros. Já na sala de Movimento, os livros ficavam sempre em uma caixa no cantinho da sala, para que eles tivessem acesso tanto na hora de pegar como também para devolvê-los. Sendo assim, essa rotina mostra a importância do guardar como se fosse uma biblioteca ou um acervo, gerando assim a responsabilidade do cuidar e do devolver para que outros bebês possam utilizá-los também. Nas imagens a seguir mostramos exemplos desse tipo de situação vivenciado pelo G1.



Na primeira imagem, os pequenos levam para guardar alguns dos livros do acervo disponível na sala Letras e Números. Na segunda imagem, uma das auxiliares vai ao encontro dos bebês ajudar a guardar os livros. Já na terceira imagem, na Sala de Movimento, os bebês tem acesso com mais facilidade aos livros, tanto para pegar quanto para guardar.

Tipo 4: Compartilhando livros trazidos de casa ou escolhidos no acervo da sala

Um quarto tipo de prática de letramento literário observado foi o compartilhamento de livros trazidos de casa pelas crianças. Num acerto prévio com as famílias, a cada semana um bebê tem a incumbência de trazer algum livro de sua preferência para ser lido por ele em sala. Nessas ocasiões, o bebê que disponibiliza o livro do seu acervo pessoal para a sala é convidado a primeiro mostrar a capa, em seguida caso não fosse totalmente oralizado é estimulado a compartilhar, a seu modo, a paixão daquele livro com os demais colegas. A professora Patrícia nos afirma que:

A cada semana um dos bebês traz algum livro de sua preferência na pasta, eu também pego mais duas pastas e pergunto: De quem é a pasta? Isso ocorre para que eles possam descobrir quem é o bebê que irá mediar a leitura, em seguida sentamos e o

bebê que trouxe o livro do seu acervo nos apresenta, é possível perceber se a criança conhece realmente aquele livro escolhido, e se o mesmo já foi lido em casa com os seus pais. Quando o livro já foi lido em casa, é possível perceber que a criança já abre o livro apresentando as figuras, imitando assim os sons que faz cada personagem da história.

Percebemos que essa prática de levar algum livro do seu acervo pessoal faz com que os bebês tenham ao mesmo tempo a oportunidade de conduzirem, a seu modo, a sessão de leitura compartilhada e também estabelece um vínculo entre as famílias e a unidade de educação infantil, trazendo para o CMEI conhecimentos e experiências vivenciados no ambiente familiar. Também no que se refere a essa prática, observamos episódios, como o descrito a seguir, neste caso envolvendo um livro escolhido no acervo da sala.

Episódio 1: Roda de leitura com o bebê e o seu livro.

Com a ajuda da professora, o bebê apresenta as imagens que visualiza em cada página, ocupando o lugar de quem conduz a leitura para os colegas. É importante frisar que a todo o momento a professora auxiliava o bebê, pois o mesmo ainda não era totalmente oralizado. Observamos que com esse procedimento, a professora abria um leque de opções para os pequenos, podendo ser lido um dos livros que está no acervo da sala, como também utilizando alguns dos livros escolhidos pelos bebês do seu acervo particular, compartilhando assim a leitura com os demais.



Na primeira imagem, o bebê que está sentado no colo da professora compartilha as imagens do livro com os colegas. Na segunda imagem, o mesmo bebê começa a folhear o livro, apontando para cada imagem que está presente na página explorada por eles, imitando uma conduta que observou nos adultos. Na terceira imagem, o bebê mediador está em pé ao lado da professora com o livro nas mãos, contando do jeitinho dele a história.

b. Os tipos de reação das crianças

Nesta seção apresentamos os tipos de reações que identificamos em nossas observações, sendo elas: vocalizações, gestos/ações e emoções. Dentre esses tipos de reações apresentados, percebemos que os bebês mesmo chorando, rindo, brincando ou até mesmo compartilhando a leitura, eles trabalhavam a linguagem oral e corporal.

Como identificamos os momentos de leitura compartilhada, a cada imagem de algum animal que já faz parte do cotidiano dos pequenos, a professora emitia o som feito pelo personagem, enquanto os bebês imitavam. Dentre os bebês haviam dois que além de imitarem

os sons, eles também diziam o nome cada figura, sempre com a ajuda e o estímulo da professora. Como nos afirma a prof.^a Patrícia em sua entrevista:

Eles ainda estão fazendo a leitura de imagens, aquelas imagens que produzem sons, que são chamativas pelas cores ou até mesmo quando eles conseguem dizer o nome da imagem, ou imitar o som que a imagem representa como a dos animais, eles ficam muito felizes e eufóricos, pois conseguiram se comunicar e foram ouvidos e percebidos.

Como ressalta Ramos (2010), a imitação é um recurso importante, numa situação interativa, pois assume a função de veículo e contexto com significados. Esses significados nos mostram que a imitação é uma estratégia que influi no desenvolvimento infantil e, mesmo quando a criança ainda não desenvolveu totalmente a linguagem oral ela é capaz de antecipar alguns comportamentos linguísticos ao imitar o adulto. Durante as observações foi possível perceber as reações dos bebês durante a leitura com reações como querer o livro pra si, identificação da imagem pelo som, batendo palmas, apontando, gritando, rodopiando, entre outros tipos de reações. Vejamos a seguir alguns dos tipos de reações observados durante as rodas de leitura.

Vocalizações

A cada roda de leitura a professora estimulava os bebês a cantar, a imitar os sons ou falar o nome dos bichinhos ou dos personagens que estavam presentes no livro. Os pequenos que já são oralizados não só imitam os sons, como também falam e cantam juntamente com a professora, enquanto que os que ainda não são totalmente oralizados imitam apenas os sons dos personagens presente na história. O episódio a seguir envolveu alguns desses momentos de vocalizações.



Na primeira imagem, o bebê 1, que está sentado entre os dois coleguinhas que estão em pé, faz um sinal com as mãos imitando um jacaré, enquanto a bebê 2 que está sentada, também imita o jacaré, porém de uma forma diferente do bebê 1. Na segunda imagem, a bebê 1 que está em pé levanta a mão, interagindo com a pergunta da professora: *Quem conhece o galo e o pintinho?* O bebê 2 que está sentado imita o som do pintinho e faz: *piu piu*. Na terceira imagem, a professora mostra a mesma página a outro bebê que, ao ver a imagem do galo, aponta e imita o som do có, có.

Gestos/ações

Ao observarmos a interação do bebê com o adulto no G1 durante a leitura, é possível perceber que eles antes mesmo de começarem a falar demonstram uma prática que é a capacidade de não só interagir com a professora ou os auxiliares, como também de demonstrar com ações o que está chamando a sua atenção durante a roda de leitura. Nesta direção, por exemplo, o bebe é capaz de dançar, bater palmas, pular e até mesmo gritar como formas de demonstrar seu engajamento na situação de leitura.



Na primeira imagem, um dos bebês que estão em pé começa a dançar. Na segunda imagem, as bebês que estão em pé afastada e a outra sentada gritam, enquanto o outro bebê que está em pé bate palmas. Na terceira imagem, os dois bebês que estão em pé batem palmas e um deles acaba rodopiando.

Emoções

O contato do bebê com a história e os seus personagens durante a medição gera diversas emoções, emoções essas que podem ser expressas através do choro, do riso, da busca pelo colo do adulto. Assim, observamos que durante a roda de leitura alguns dos bebês ainda choram, porém a professora com toda a sua prática e atenção consegue mediar a leitura, durante as observações.

É possível perceber que o choro sempre ocorre no primeiro momento sempre quando eles entram na sala após o bom dia coletivo, mesmo assim a roda de leitura é feita e os bebês mesmo chorando participam no colo de alguma auxiliar ou até mesmo junto da professora. É importante enfatizar que os bebês que estavam chorando com a atenção que a professora dá no decorrer da história fazendo perguntas, pedindo que eles toquem no livro, os pequenos em vez de continuarem chorando eles riem demonstrando interesse pela roda.



Na primeira imagem, o bebê que está em pé ri com a mão na boca, enquanto a bebê ao seu lado está chorando. Na segunda imagem, os bebês riem e cantam com a professora. Na terceira imagem, o bebê que está sentado, ri e grita fazendo movimentos giratório com o braço.

6. Considerações Finais

Com relação ao que foi observado durante as observações junto ao G1, percebemos que as Salas ambientes que foram observadas durante as rodas de leitura constituem um ambiente propício e acolhedor e que favorece a realização de diferentes atividades que aproximam as crianças de livros e de histórias. Em todas as sessões observadas houve um intenso engajamento dos bebês, favorecido pelo ambiente em que a roda ocorria, bem como os materiais disponíveis e as formas de condução da professora.

Quanto aos modos de ler, consideramos que a diversificação, o tempo de duração das atividades e a escolha dos livros foram elementos que contribuíram para o engajamento dos bebês. Além disso, podemos concluir que de fato os bebês são capazes de manipular espontaneamente os livros tendo como referência o comportamento leitor do mediador de leitura, no caso a professora e compartilhar a leitura com os seus pares.

Esse estudo confirma os resultados de Ramos (2010) e de Hampel (2016) quando destacam que os pequenos não só compreendem como também manipulam e exploram espontaneamente os livros mostrando a cultura e o comportamento de um leitor, muito antes de ler convencionalmente.

Frisamos, por fim, que a idade do bebê não é um impedimento para realizar a leitura, e que a inserção dessas práticas na rotina do CMEI contribui para que eles iniciem precocemente seu letramento literário.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester C. de Souza; JAMBERSI, Belissa do Pinho. **O trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. In: ARCE, Alessandra (org). 1ª ed. Campinas, São Paulo: Alinea, 2012. p. 13-58.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester C. de Souza (org). **Ler e Escrever na Educação Infantil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. 9ª. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. p.72.

CSUCSULY, Jeniffer A. Santos. **Leitura para bebês de 0 a 3 anos: produtor de sucesso escolar**. Maringá: Trabalho de Conclusão de Curso, 2013.

DAHER, Juliana Cardoso; **Leituras e Leitores em Espantapájaros**. Estudos de Linguagens. Belo Horizonte, 2017. 127 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Departamento de Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

DICKINSON, David K; GRIFFITH. Julie A. **Por que a leitura de livros com crianças desde o berço promove sucesso na leitura a longo prazo**. Leitura desde o berço: Políticas sociais integradas para a primeira infância. Brasília, 2011.

FARIA, Betina Azevedo. **O estímulo à leitura para os bebês:** Um estudo de caso no Berçário 2 da Creche Francesca Zacaro Faraco da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. 79 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Biblioteconomia)- Departamento de Ciências da Informação, Rio Grande do Sul.

GIBBS, G. **Análise de Dados Qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

HAMPEL, Letícia Carla dos Santos Melo. **Os bebês, a professora e os livros de literatura:** reflexões sobre a mediação da leitura no berçário. Recife, 2016. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação, Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco.

LOPEZ, Maria Emília. **Bebês como leitores e autores** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016.

MINAYO, M.C. de S. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde.3.ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994

OLIVEIRA, João B. Araújo. **Rompendo o ciclo vicioso da pobreza: leitura desde o berço.** Leitura desde o berço: **Políticas sociais integradas para a primeira infância.** Brasília, 2011.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária, Leitura e Literatura na primeira infância** - 1ªed. - São Paulo: Global Editora, 2010.

_____. **Ler e brincar, tecer e cantar** - Literatura, escrita e educação - São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RAMOS, Taciana Karla Gomes. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico.** Recife, 2010. 173 p. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco.

_____. **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras.** In: ROSA, Ester Calland de Souza – 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 13-34.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009.

WINNICOTT, D. W. **Pensando sobre Crianças.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman,2014.